

Geografia e espacialidade no teatro grego; as relações da luz

Mauricio Ferreira Cardoso

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO

Mestrando – Processos e métodos da Criação Cênica – Or. Prof. Dr. José da Silva Dias

Bolsa CAPES

Iluminador e Professor do Departamento de Artes - Faculdade SENAI/CETIQT

Resumo: A influência da luz solar sobre o posicionamento geográfico e espacialidade no teatro grego. As relações da construção do edifício teatral, sua localização geográfica e as interações com o fluxo de luz de acordo com a duração do dia e o movimento solar. O posicionamento do palco frente os eixos cardinais e análise do fluxo luminoso resultante. Este estudo propõe analisar as estruturas dos edifícios teatrais na Grécia antiga durante o período de seus festivais; as dionisíacas urbanas e rurais, tentando estabelecer uma compreensão das influências do fluxo luminoso na construção destes espaços.

Palavras-chave: Teatro grego, Iluminação, Edifício teatral, Arquitetura teatral.

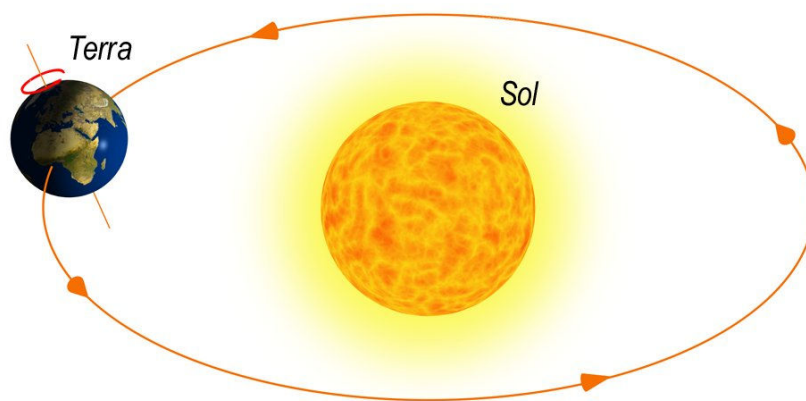
Este ensaio foi escrito para o Grupo de História das Artes do Espetáculo na tentativa de elucidar algumas das várias interrogações, minhas e de outros pesquisadores da luz na cena quanto ao seu uso no espaço teatral grego. Com os avanços da informática nos últimos anos, a virtualidade tornou em parte dispensável o esforço da viagem, e com os avanços, sobretudo na ótica dos satélites, visitar qualquer rincão, ou ao menos visualizá-lo torna-se tarefa das mais simples. O texto a seguir é uma continuação de estudos iniciados durante a graduação, nos quais o questionamento sobre o uso da luz na cena no teatro ocidental foi o foco de minhas preocupações.

Situada em uma encruzilhada, entre ocidente e oriente, está a Grécia, o berço de nosso teatro e o local onde encontraremos os primórdios do pensar a luz na cena. Este texto é fundamentado por pesquisas e orientações fora do âmbito das artes cênicas; na astronomia, física, geografia e história, pois infelizmente os estudos existentes não davam conta das questões levantadas ao longo do processo. A inexistência de uma bibliografia mais extensa do período anterior à era do gás e a total ausência de qualquer estudo anterior ao teatro elisabetano tornam então forçoso a complementação deste estudo através de outras disciplinas além da história do teatro. A partir das perspectivas levantadas através da pesquisa realizada, podemos perceber, por meio da geografia na construção do edifício teatral grego, e repensar uma possível imbricação das relações público-plateia em seu teatro em função desta espacialidade. Um equívoco comum é imaginar a presença da luz na cena como um elemento moderno.

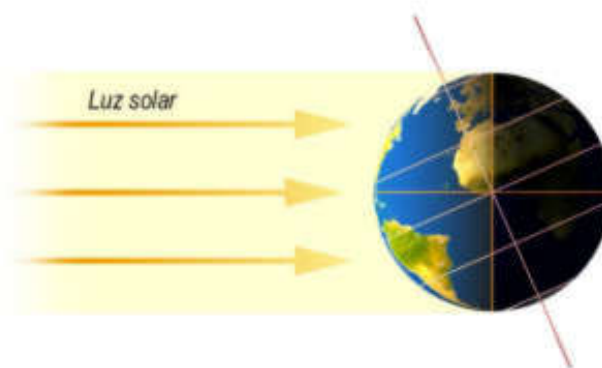
A luz na Grécia

O céu sobre a Grécia é muito diferente do céu no sudeste brasileiro. Tal afirmativa pode parecer óbvia, e de fato é. Mas foi partindo de princípios aparentemente

óbvios quanto à utilização do espaço físico, principalmente em relação ao sol, e apoiado em consultas realizadas por pesquisadores do Museu de Astronomia, que concluí que o posicionamento ideal dos teatros gregos seria com o palco ao norte. O eixo do planeta apresenta uma inclinação de 23° em relação à sua órbita ao redor do Sol, fazendo com que, no hemisfério norte, o Sol mova-se de leste a oeste, mas percorrendo esse caminho ao sul.



1



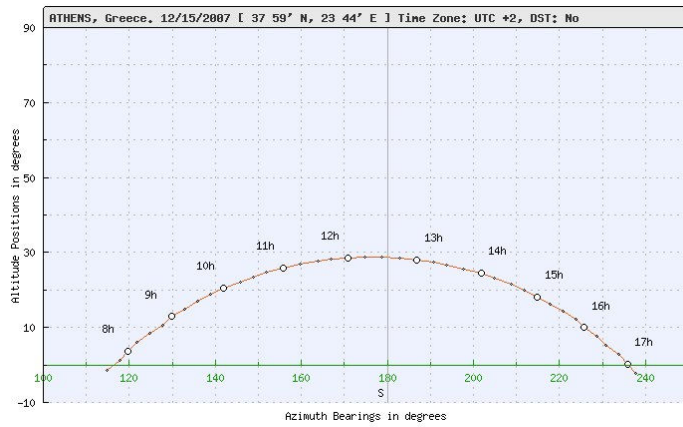
2

Deste modo, a luz projetada por nosso astro estaria direcionada à cena como um imenso refletor. Em virtude do ângulo de azimute na Grécia, nos meses dos festivais - dezembro, janeiro e março -, conforme ilustrações abaixo, o percurso do sol nunca atingiria uma posição perpendicular como ocorre nas cercanias do Trópico de Capricórnio.

Dezembro: Dionisíacas Rurais.

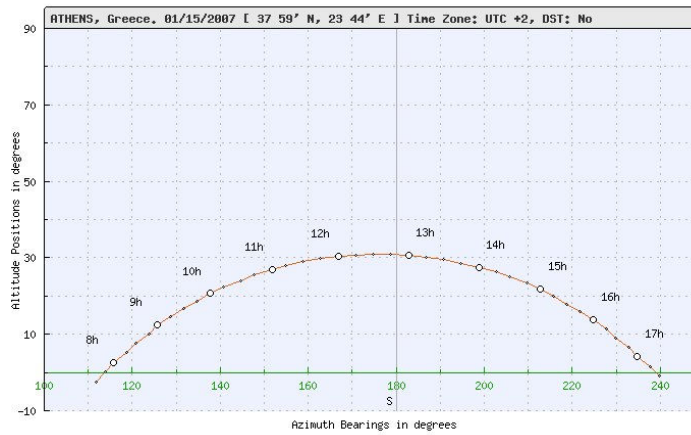
¹ <http://nautilus.fis.uc.pt/astro/hu/movi/images/imagem6.jpg>

² <http://nautilus.fis.uc.pt/astro/hu/movi/translacao.html>



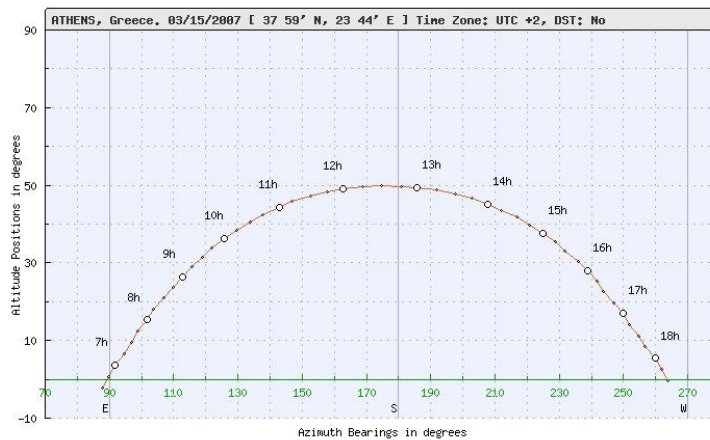
3

Janeiro: Lenéias.



4

Março: Dionisíacas Urbanas.



5

³ <http://sunposition.info/sunposition/spc/locations.php>

⁴ <http://sunposition.info/sunposition/spc/locations.php>

⁵ Site citado.

A indicação óbvia era que o palco grego seria construído tendo sua "quarta parede" voltada ao sul. Pela trajetória do sol, percorrendo o céu de leste para oeste, elevando-se entre 30° e 50° nos céus atenienses nesses meses, a platéia ficaria com ele às costas, e os atores/coro iluminados frontalmente.

No entanto, Lídia Kosovski nos diz:

A cenografia no teatro grego se constituía basicamente das próprias forças naturais: a abóbada celeste, a atmosfera, a trajetória aparente do sol, são interferências consideráveis na representação. Isso fica mais claro quando observamos que a arquitetura teatral grega é orientada na direção leste/oeste, ou seja, o sol nasce por trás da skéne e se põe atrás do público, sendo visto durante o período de representação por todos os presentes.⁶

Outra forma de orientação encontrada nos registros é a sugerida pelo professor Hamilton Saraiva em sua dissertação para a USP:

Imaginemos o sol nascendo no horizonte, cheio de matizes, numa bela manhã de verão, o céu totalmente limpo. À nossa volta, milhares de pessoas atentas, sentadas em arquibancadas de pedra de um anfiteatro enorme. O sol, já nascendo quase à nossas costas, ilumina suavemente os morros à nossa frente e as copas das árvores mais altas que divisamos logo após a cena (em grego, skéne). Lá em baixo, entram as pessoas do como no proskenion (proskénion), com suas batas esvoaçantes. (...) O coro inicia sua função! Estamos em Epidauro, um grande teatro na Grécia em 408 A.C. e vamos comungar religiosamente a representação da tragédia Orestes, do dramaturgo Eurípedes. O iluminador deste espetáculo é o Grande Arquiteto do Universo (Zeus), com o magnífico Sistema de Luz operado por Hélios (o Sol).⁷

Saraiva repete a teoria em sua apostila; Curso Básico de Iluminação Cênica:

Esse teatro era feito em grandes espaços, construídos em encostas, com madeira, direcionado de sudoeste a noroeste, a fim de receber a luz do sol por trás dos espectadores e obliquamente aos atores, já que os espetáculos se iniciavam com o amanhecer e duravam o dia todo, com quinze mil espectadores bebendo e comendo enquanto assistiam e comentavam o que estavam vendo.⁸

Essa idéia de orientação da construção do lugar teatral, admitida por Saraiva, influencia outros estudos, como a dissertação de Luciana Liege Bomfim Brito:

(...) Segundo Saraiva, os teatros, tanto os gregos quanto os romanos, eram construídos de forma que o sol ficasse atrás da platéia, ou ligeiramente à direita, permitindo um jogo de luz e sombra, aumentando os contornos e altura dos atores, além de evitar o desconforto do público com a visão frontal do sol. Esta afirmação levanta uma questão, se as peças duravam o dia todo,

⁶ KOSOVSKI, Lídia. A Evolução do Espaço Cênico: a vontade de domínio. In Cadernos de Teatro, nº 105. Pág.: 1. Rio de Janeiro: O Tablado, 1985.

⁷ SARAIVA, Hamilton Figueiredo. Iluminação Teatral: História, Estética e Técnica. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1989.

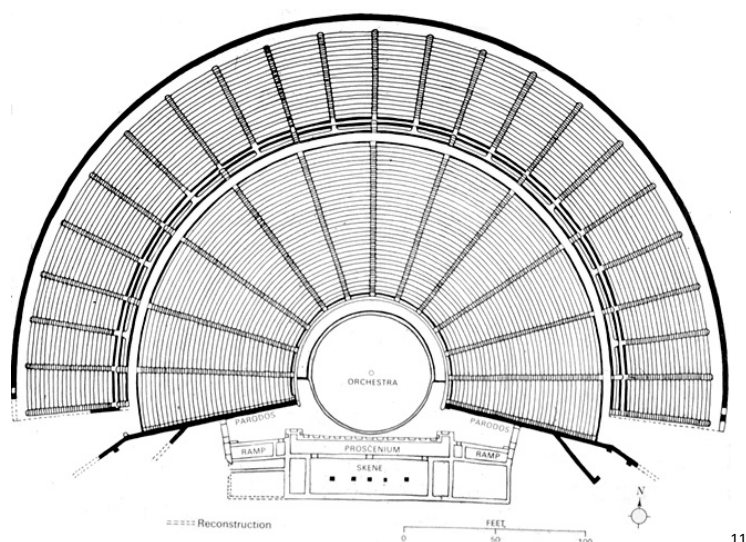
⁸ SARAIVA, Hamilton Figueiredo. Curso Básico de Iluminação Cênica. São Paulo: ART & TEC Editora, s/d.

como seria possível a luz do sol ficar atrás, ou ligeiramente à direita, da platéia? Este é um dos problemas encontrados com a falta de material específico sobre o tema.⁹

O problema descrito por Luciana Brito, a inexistência de bibliografia sobre o assunto no Brasil ou no exterior, é o mesmo que encontrado por qualquer pesquisador que se aventure a pesquisar a luz na cena grega, mas mesmo com a falta de literatura específica, pequenas ações podem ajudar-nos na busca de uma maior compreensão.

O primeiro problema solucionado foi de um equívoco no texto de Saraiva, na frase: *“Imaginemos o sol nascendo no horizonte, cheio de matizes, numa bela manhã de verão, o céu totalmente limpo.”*

Todos os festivais gregos; sejam as Dionísíacas Rurais, ou Urbanas ocorriam no inverno, início ou fechamento deste: dezembro e março. E o festival de comédias; as Lenéias, que aconteceriam tempos depois; em janeiro.¹⁰



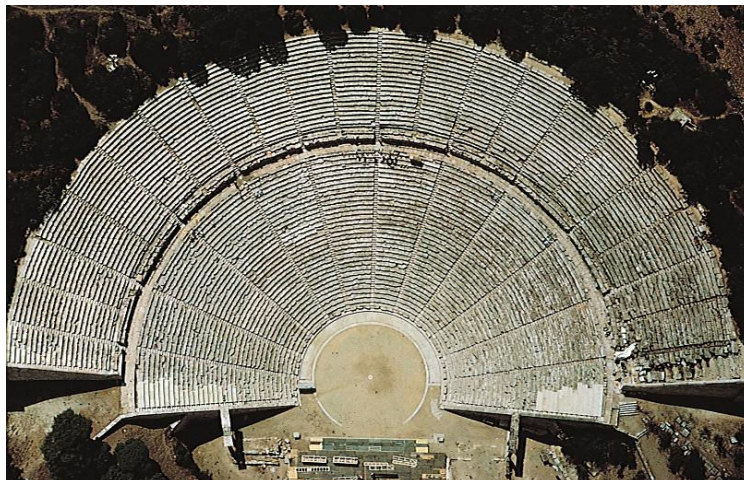
11

Na ilustração anterior, do Teatro de Epidaurus, podemos ver que sua orientação é para norte, com o sol nascendo à leste percorrendo seu trajeto pelo sul até se por no oeste, mantendo-se sempre frontal a platéia.

⁹ BRITO, Luciana Liege Bomfim. A Iluminação Cênica No Teatro Contemporâneo: Um estudo de caso: InSônia, uma adaptação de Valsa n. 6 de Nelson Rodrigues. Pág: 18. Rio de Janeiro: PPGT/Unirio, 2007.

¹⁰ BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. Pag 113 e 114.

¹¹ http://www.utexas.edu/courses/citylife/imagesr/epidauros_theater_plan.jpg



12

Como dito anteriormente, na Grécia o Sol nunca assume a posição perpendicular em relação à Terra, e durante o inverno sua elevação situa-se entre 30° e o máximo de 50°, entre 12:00 e 13:00h, não criando uma sensação desagradável ao permanecermos sob sua luz durante todo o dia, que aliás dura dez horas em média. Inverno não é época de colheita ou plantio. Desta forma é compreensível a presença maciça do público rural e urbano nas apresentações. Por localização geográfica, da Grécia, seus invernos não são rigorosos como em partes mais ao norte da Europa.

Com a mais minuciosa pesquisa de imagens que consegui realizar, através da ferramenta Google Earth¹³, localizei os teatros nas seguinte direções de palco;

Palco ao sul: 26 Teatros.

Palco à norte: 7 Teatros.

Palco à leste: 5 Teatros.

Palco à oeste: 8 Teatros.

Um total de quarenta e seis teatros, mas ainda assim uma fração do total. Infelizmente não consegui encontrar fontes que me informassem o número exato de edifícios e sua localização. Fontes esparsas indicam-me que esse número é próximo à metade. Nem consulta direta ao Consulado Grego, ou à Embaixada em Brasília surtiram efeito algum. Existe uma fonte completa, que é o Barrington Atlas of the Greek and Roman World, mas que no momento não consegui localizar no Rio de Janeiro.

¹²<http://www.umehon.maine.edu/civilizations/111/artwork/Aristotle/Epidaurus%20Theatre,%20c.350%20BC.jpg>

¹³ <http://earth.google.com.br/>

Para minha surpresa, a idéia do teatro construído com o palco para o norte, ou mesmo a sugestão de outros estudiosos do palco a leste caíram por terra ao utilizar a ferramenta do Google Earth para pesquisa.

Pelo lado quantitativo, o número de teatros para o sul é maior que a soma dos teatros construídos em outras. Infelizmente minhas tentativas para resolver tal enigma foram frustrantes. Mas podemos idealizar como hipótese uma evolução do sentido geográfico na construção do edifício teatral grego, tendo como eixo final o sentido norte do palco. Tal possibilidade poderia ser comprovada com processo de datação dos edifícios, mas, na impossibilidade de tal, assumimos este eixo para a construção apenas como uma forte tendência que pode ser verificada, ou melhor, esmiuçada por outros estudiosos.

A conclusão aqui proposta é que o direcionamento da luz na cena grega tende a apontar à platéia como ponto focal da encenação, visto que se a luz direciona nosso olhar, e o foco volta-se para a polis que cerca a orquestra e a skene/proskenion. Essa tendência observada valoriza a presença do espectador dentro do jogo teatral.



14

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. Editora Perspectiva: São Paulo, 2005.

BRITO, Luciana Liege Bomfim. *A Iluminação Cênica No Teatro Contemporâneo: Um estudo de caso: InSônia, uma adaptação de Valsa n. 6 de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: PPGT/Unirio, 2007.

CAMARGO, Roberto Gill. *Função Estética da Luz*. Sorocaba: Editora TCM -Comunicação, 2000.

¹⁴ Grécia - Teatro de Larissa. Imagem extraída do Google Earth.

FRASER, Neil. *Stage Lighting Explained*. Crowood Press: Londres, 2002.

KOSOVSKI, Lídia. A Evolução do Espaço Cênico. In: *Cadernos de Teatro*, Vol; 105, Rio de Janeiro: O Tablado, 1985.

KOSOVSKI, Lídia. A Visão Cênica Teatral. In: *Cadernos de Teatro*, Vol; 106, Rio de Janeiro: O Tablado, 1985.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

REES, Terence. *Theatre Lighting in the age of gas*. The Society for Theatre Research: London: 1978.

REID, Francis. *The ABC of Stage Lighting*. Nova York: Drama Book Publishers, 1992.

ROSENTHAL, J. / VERTEUBAKER, L. A história da iluminação. In: *Cadernos de Teatro*, Vol. 102. Rio de Janeiro: O Tablado, 1984.

SARAIVA, Hamilton Figueiredo. *Iluminação teatral: história, estética e técnica*. 2 v. São Paulo: (Mestrado) - ECAIUSP - CAC, 1990.

SARAIVA, Hamilton Figueiredo. *Interações físicas e psíquicas geradas pelas cores na iluminação teatral*. São Paulo: (Doutorado) - ECAJ'USP - CAC, 1999.

SARAIVA, Hamilton Figueiredo. A evolução estética da iluminação: uma introdução. In: *Cadernos de Teatro*, Vol. 131. Rio de Janeiro: O Tablado, 1992.

SARAIVA, Hamilton Figueiredo. A evolução estética da iluminação II: uma introdução. In: *Cadernos de Teatro*, Vol. 132. Rio de Janeiro: O Tablado, 1993.

WILSON, E. Iluminação. In: *Cadernos de Teatro*, Vol. 85. Rio de Janeiro: O Tablado, 1980.

WILSON, E. O Espaço Cênico. In: *Cadernos de Teatro*, Vol. 124. Rio de Janeiro: O Tablado, 1990.

Internet:

<http://sunposition.info> em - 17/10/2010 às 17:00h

<http://earth.google.com.br/> - em 17/10/2010 às 17:00h

<http://nautilus.fis.uc.pt/> - em 17/10/2010 às 17:00h

http://www.utexas.edu/courses/citylife/images/epidauros_theater_plan.jpg - em 17/10/2010 às 17:00h

<http://www.umehon.maine.edu/civilizations/111/artwork/Aristotle/Epidaurus%20Theatre,%20c.350%20BC.jpg> - em 17/10/2010 às 17:00h